

**DECOMTEC - Departamento de
Competitividade e Tecnologia**

ENTRAVES AO DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA BRASILEIRA



Setembro de 2011

RANKING IC-FIESP 2011



GRUPO	PAÍS	NOTA	RK
Q1 ELEVADA	Estados Unidos	90,0	1
	Suíça	77,0	2
	Noruega	75,0	3
	Hong Kong	74,1	4
	Cingapura	73,2	5
	Coréia do Sul	72,8	6
	Japão	71,4	7
	Holanda	70,9	8
	Suécia	69,8	9
	Israel	69,5	10
	Alemanha	69,4	11
Q2 SATISFA- TÓRIA	Irlanda	69,1	12
	Dinamarca	67,5	13
	Finlândia	65,7	14
	Bélgica	62,2	15
	Canadá	60,9	16
	França	60,3	17
	Reino Unido	60,1	18
	Austrália	59,7	19
	Áustria	59,5	20
	Nova Zelândia	58,2	21
	Espanha	51,8	22

GRUPO	PAÍS	NOTA	RK
Q3 MÉDIA	República Checa	49,7	23
	Itália	47,1	24
	Rússia	45,6	25
	Hungria	45,1	26
	Malásia	44,3	27
	China	42,3	28
	Portugal	41,5	29
	Chile	38,8	30
	Polônia	38,5	31
	Argentina	37,5	32
	Grécia	35,8	33
Q4 BAIXA	México	28,9	34
	Tailândia	28,3	35
	África do Sul	25,5	36
	Brasil	24,8	37
	Filipinas	19,5	38
	Turquia	18,3	39
	Colômbia	18,2	40
	Venezuela	15,0	41
	Indonésia	11,1	42
	Índia	9,6	43

Aumentou 0,5 ponto a nota em relação ao ano passado, mas manteve a posição

Pesquisa FIESP identifica os principais problemas da competitividade brasileira.



Os empresários do setor industrial assinalam a tributação, os juros/crédito, a qualificação da mão de obra e o câmbio e comércio exterior como as quatro principais barreiras para o crescimento da indústria paulista

Ranking	Barreiras	Total	Pequena	Média	Grande
1º	Tributação	65%	64%	68%	64%
2º	Juros e Crédito	11%	15%	10%	10%
3º	Mão de obra	9%	11%	9%	9%
4º	Câmbio e comércio exterior	4%	1%	4%	6%
5º	Política industrial e inovação	3%	3%	4%	4%
6º	Energia / Telecomunicações	2%	2%	3%	2%
7º	Transportes	2%	1%	1%	2%
8º	Ambiente legal / regulatório	2%	2%	1%	2%
9º	Meio ambiente	1%	1%	1%	2%

Fonte: Extraído da Pesquisa “Barreiras para o crescimento da indústria paulista”, FIESP.

Os diferenciais competitivos entre Brasil e China ajudam a explicar o diferencial de preço dos produtos.



Em 2011:

↓
Carga tributária (% do PIB): 33,6%
Juros real¹: 34,0%
Valorização cambial²: 74,6%
Crédito (% do PIB): 49,1%
Escolaridade média: 7,2 anos

↑
Carga tributária (% do PIB): 18,4%
Juros real¹: 5,81%
Valorização cambial²: 31%
Crédito (% do PIB): 131,1%
Escolaridade média: 7,5 anos



¹ Juros para depósito, descontada a inflação, acrescido do spread.

² Taxa nominal, Moeda local/US\$, junho de 2004 a janeiro de 2012

O elevado consumo do governo brasileiro demanda uma carga tributária elevada para se sustentar.



Q1 – Países Competitivos

Estados Unidos	1
Suíça	2
Noruega	3
Hong Kong	4
Cingapura	5
Coréia do Sul	6
Japão	7
Holanda	8
Suécia	9
Israel	10
Alemanha	11

Países Selecionados

(com renda intermediária e que mais avançaram no *ranking* de longo-prazo)

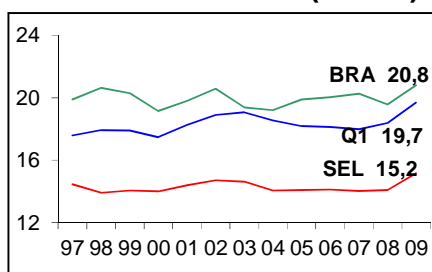
Coréia do Sul	6
Israel	10
Rep. Checa	23
Rússia	25
Hungria	26
China	28
Polônia	31
Argentina	32
México	34
Turquia	39

O elevado consumo do governo brasileiro demanda uma carga tributária elevada para se sustentar.

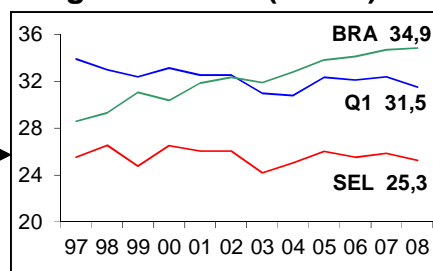


AMBIENTE DE NEGÓCIOS

Cons. do Governo (% PIB)



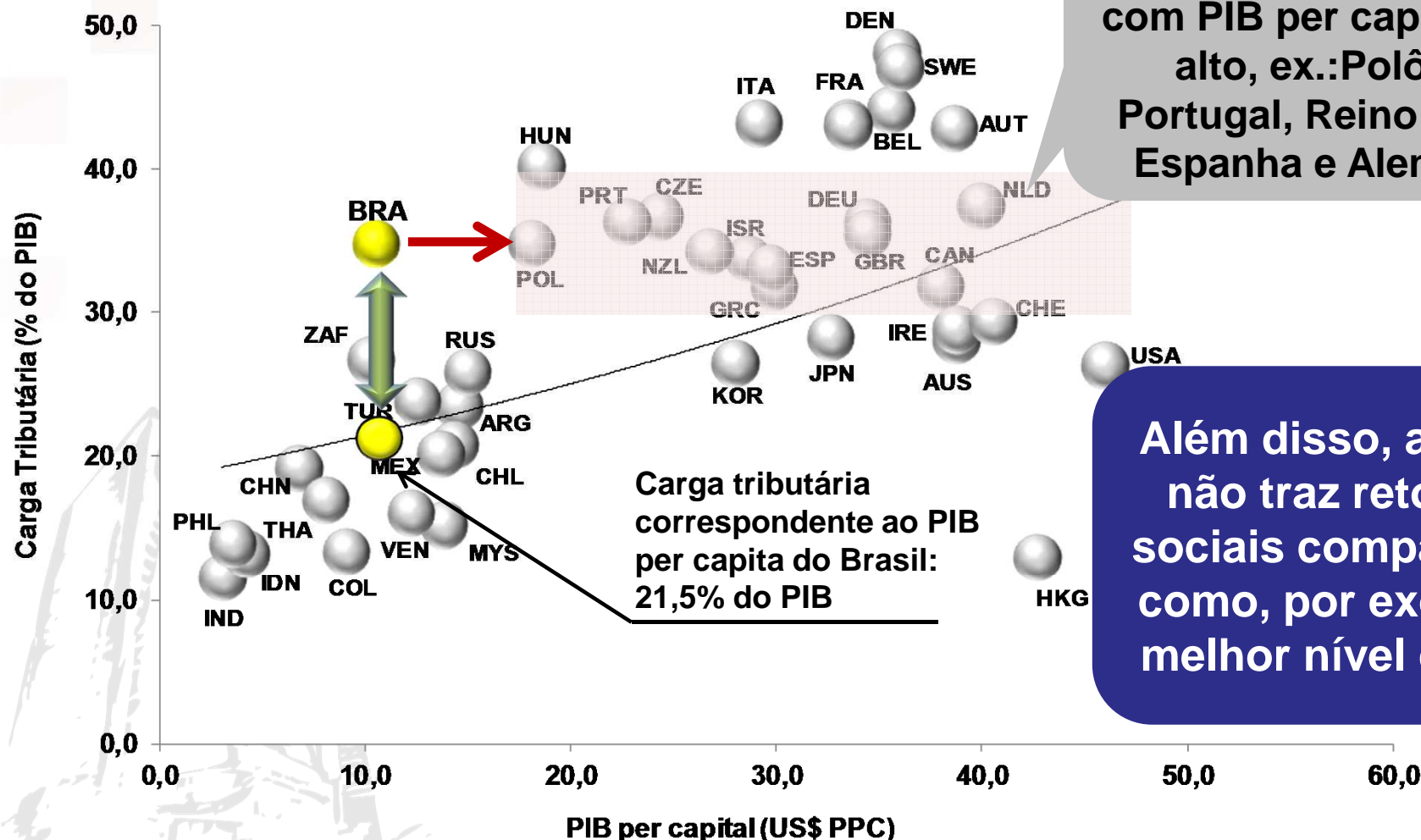
Carga Tributária (% PIB)



A carga tributária não condiz com a renda *per capita* dos brasileiros. Para corresponder ao seu nível de renda per capita, a carga tributária no Brasil deveria ser de 21,5% do PIB.



Carga Tributária (2008) x PIB per capita (US\$ PPC, 2009)



A carga tributária na ind. transf. representa 40,3% dos preços. A tributação é muito elevada, e a burocracia para pagá-la representa 1,16% totalizando 41,46%.



➤ Burocracia Tributária

- Os custos das empresas industriais para se manterem em acordo com a legislação tributária é de **1,16% de seu faturamento**, representando **R\$ 19,7 bilhões ao ano**.
- Horas gastas no ano para pagar tributos (Banco Mundial, 2011):
Brasil: **2.600** horas x OCDE: 207 horas
- Empresa média no Brasil precisou atender **3.207** normas tributárias (IBPT, 2008).
- A cada **26 minutos** a Receita Federal cria 1 nova regra (Diário Oficial, 2010)

Distribuição dos tributos em relação ao PIB de cada setor não é isonômica.



Em 2010, os Tributos Federais e o ICMS responderam por 85,5% da arrecadação total (União, Estado e Municípios).

A carga representa 40,3% do preço dos produtos industriais;

Os serviços públicos não são compatíveis com a carga. As empresas pagam 2 vezes;

Além disso, as empresas pagam os tributos antes de receberem as vendas, exigindo capital de giro.

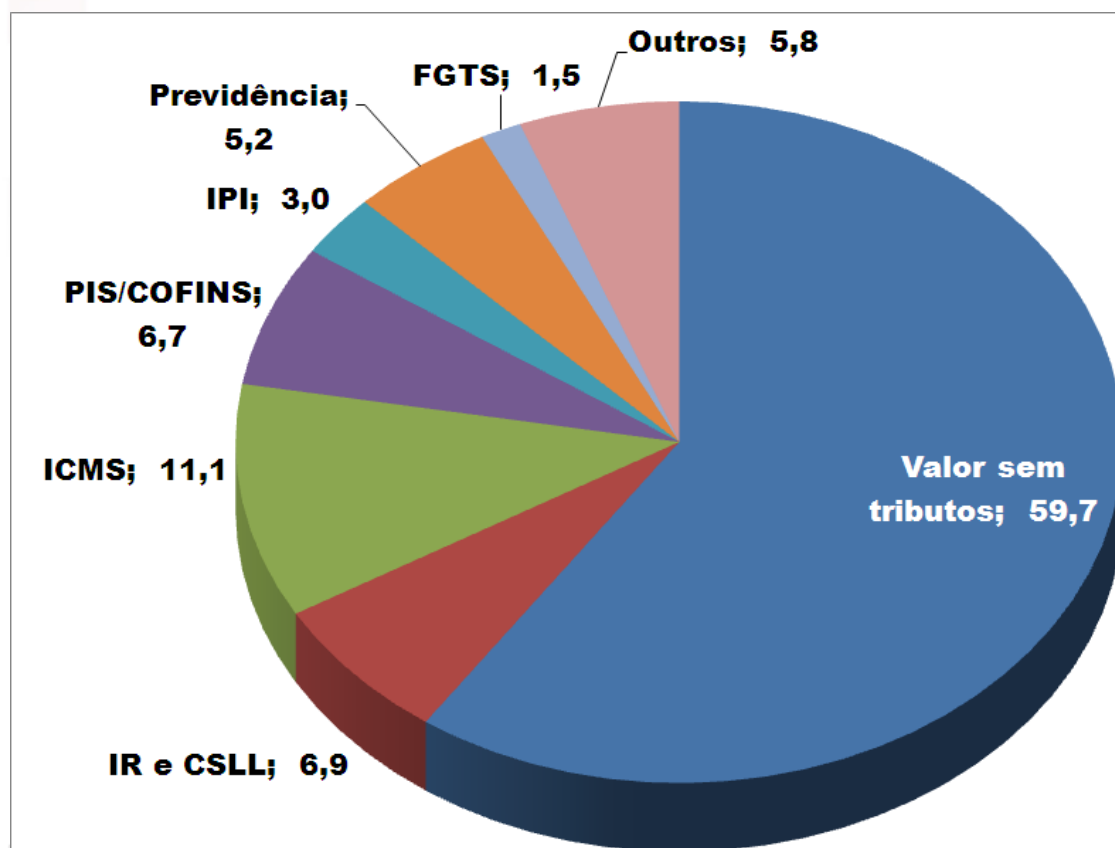
ANO DE 2010	Setores	% ARRECAÇÃO	% PIB	Relação Tributos/PIB
Mais Tributados % Tributos >% do PIB	Indústria de Transformação	33,9%	16,2%	2,09
	Comércio	16,3%	12,5%	1,30
	Intermediação Financeira	13,3%	7,5%	1,77
	SIUP	6,9%	3,2%	2,13
	Informação	6,0%	3,2%	1,88
Menos Tributados % dos Tributos < % do PIB	Outros Serviços	7,2%	14,3%	0,50
	Administração Pública	7,1%	16,2%	0,44
	Agropecuária	0,7%	5,3%	0,13
	Transporte	3,4%	5,0%	0,68
	Aluguéis	0,4%	7,8%	0,05
	Construção	3,2%	5,7%	0,56
	Extrativa	1,7%	3,0%	0,59

Fonte: SCN/IBGE. RFB, CONFAZ, CEF. Elaboração DECOMTEC/FIESP dados de 2010.
Tributos não considerados: Municipais e Estaduais exceto ICMS.
Abrange 91% dos tributos federais.

Efeito dos tributos nos preços industriais



Carga tributária da ind. de transformação representa **40,3%** dos preços



Fonte: Carga Tributária na Indústria de Transformação (FIESP, 2010)

Estima-se em R\$ 9,5 bilhões o custo do descasamento entre prazos de pagamento dos tributos e recebimento das vendas da ind. transformação (Ref. 2007, DECOMTEC)

A exportação também é muito tributada: regras de desoneração não são cumpridas, e medidas de apoio são ineficazes

O investimento é excessivamente tributado: 24,3% do seu custo é tributo

Grupos de tributos e impacto nos preços industriais



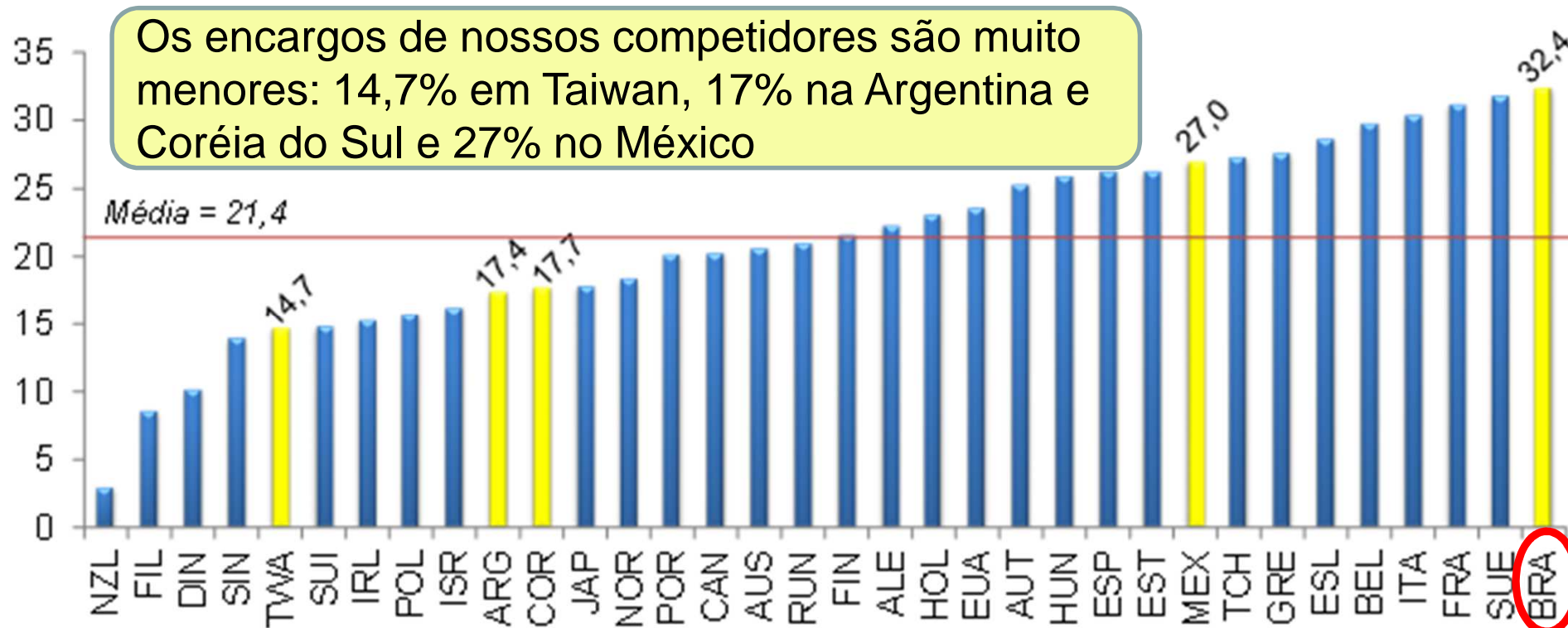
- Considerando efeitos diretos e indiretos (cumulativos), os tributos sobre a folha de pagamentos (Previdência + FGTS) correspondem a **6,7%** do preço dos produtos da indústria de transformação
- Tributos sobre consumo e produção (IPI, ICMS, PIS/COFINS): **20,8%** do preço dos produtos da indústria
- Tributos sobre a renda: **6,9%** dos preços
- Outros Tributos: **5,8%** dos preços (IOF, dentre outros)

Quando medidos em % do custo da mão de obra, o Brasil é campeão em encargos sobre folha de pagamento.



- Os encargos trabalhistas aumentam o custo da mão de obra, e, conseqüentemente, os custos de produção
- O problema é mais grave na indústria de transformação, que compete em mercados com escala global

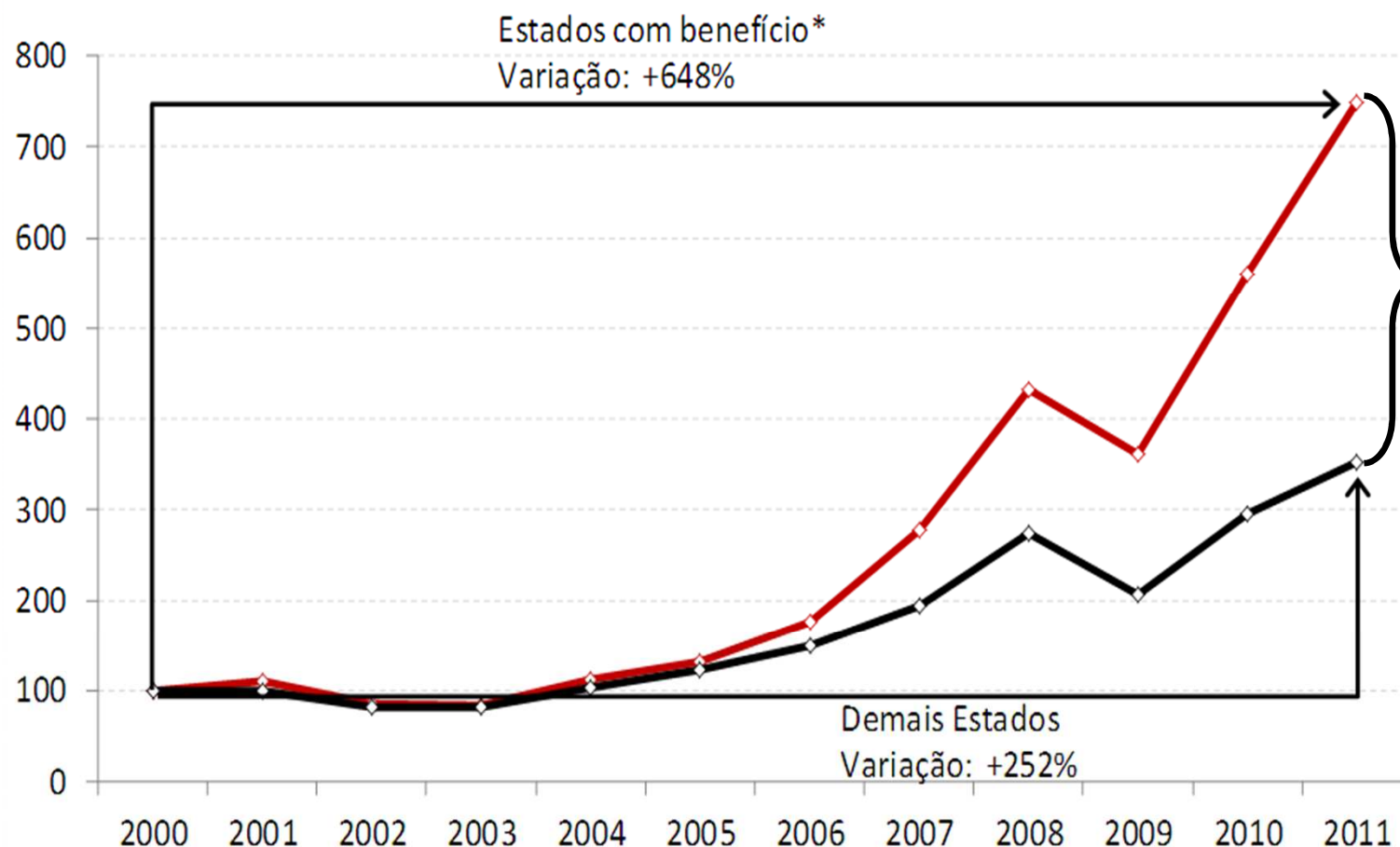
Encargos trabalhistas (% do custo da mão de obra industrial)



Enquanto a defesa comercial tenta enfrentar a penetração de produtos subsidiados no país de origem, alguns Estados brasileiros, no sentido contrário, subsidiam as importações em detrimento do produto nacional.

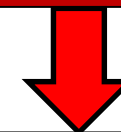


Evolução das importações de bens industrializados (em US\$ FOB)



Guerra dos Portos:

Estados brasileiros subsidiam as importações



Produtos importados ficam pelo menos 6,5% mais baratos que os nacionais

(*) PR, SC, GO, MS, PE, AL, SE e TO

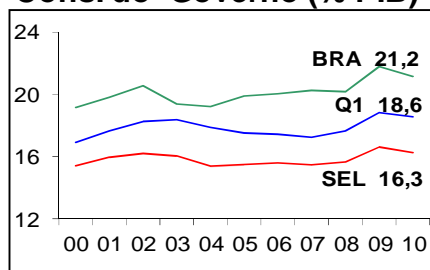
Fonte: FuncexData; Elaboração: Decomtec/FIESP

O consumo do governo demanda alta carga tributária e contribui para a alta taxa de juros. Isso e o spread bancário elevado determinam o alto custo de capital e limitada oferta de crédito na economia.

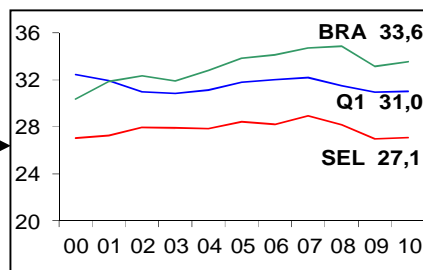


AMBIENTE DE NEGÓCIOS

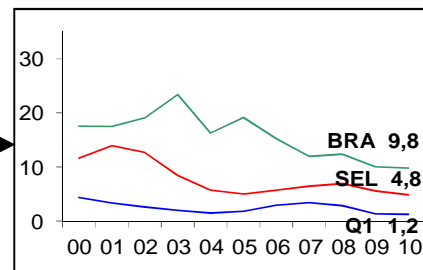
Cons. do Governo (% PIB)



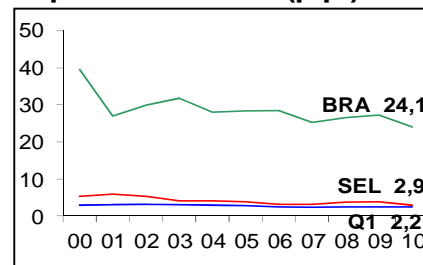
Carga Tributária (% PIB)



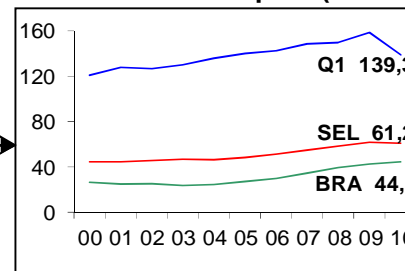
Juros p/ depósito (% a.a.)



Spread bancário (p.p.)

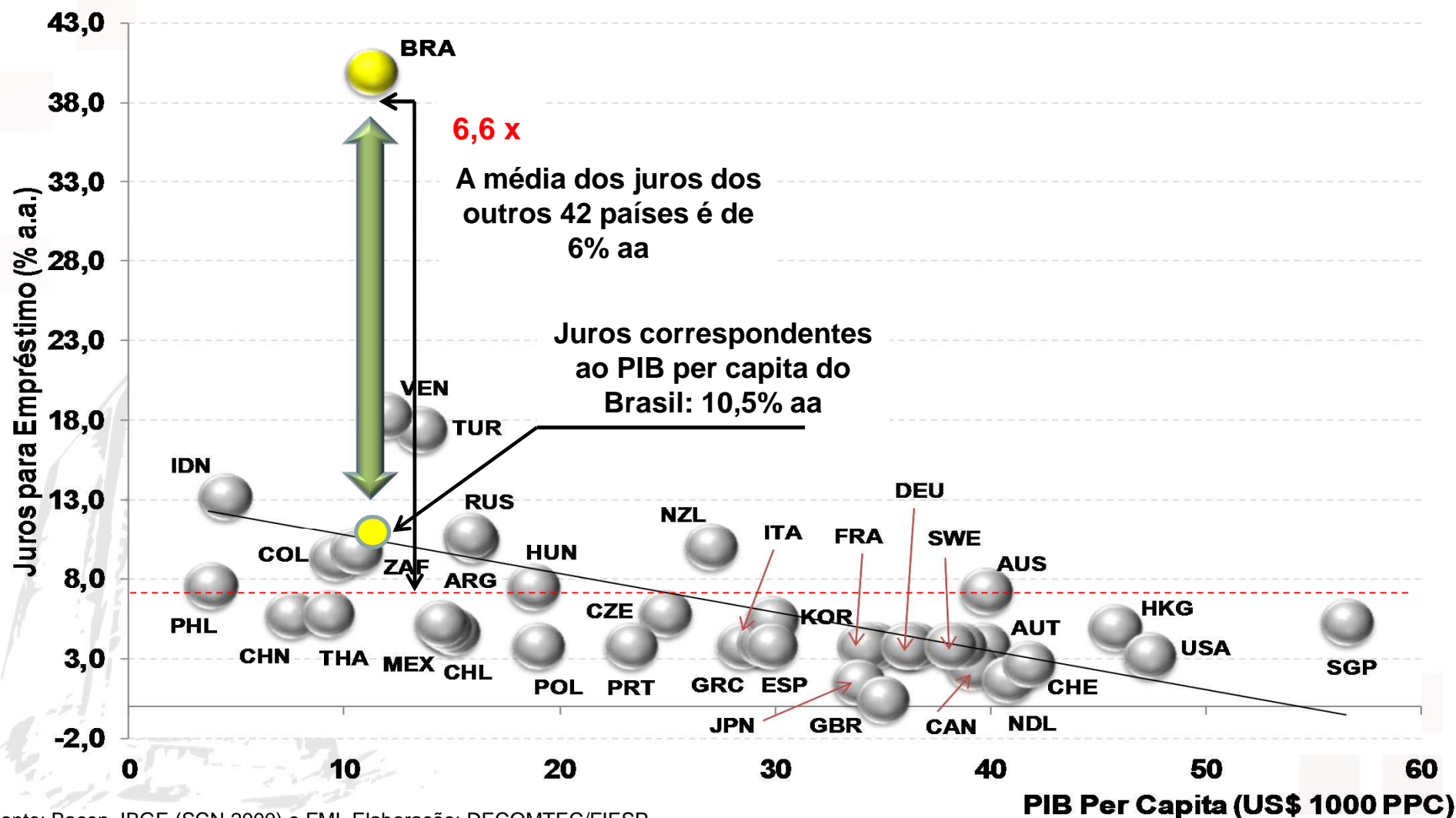


Crédito ao setor priv. (% PIB)



O custo do capital de giro das empresas é elevado devido aos juros e ao spread. Os juros correspondentes ao nível de renda per capita do Brasil seriam de 10,5% a.a.

Juros para empréstimo x PIB per capita - 2010

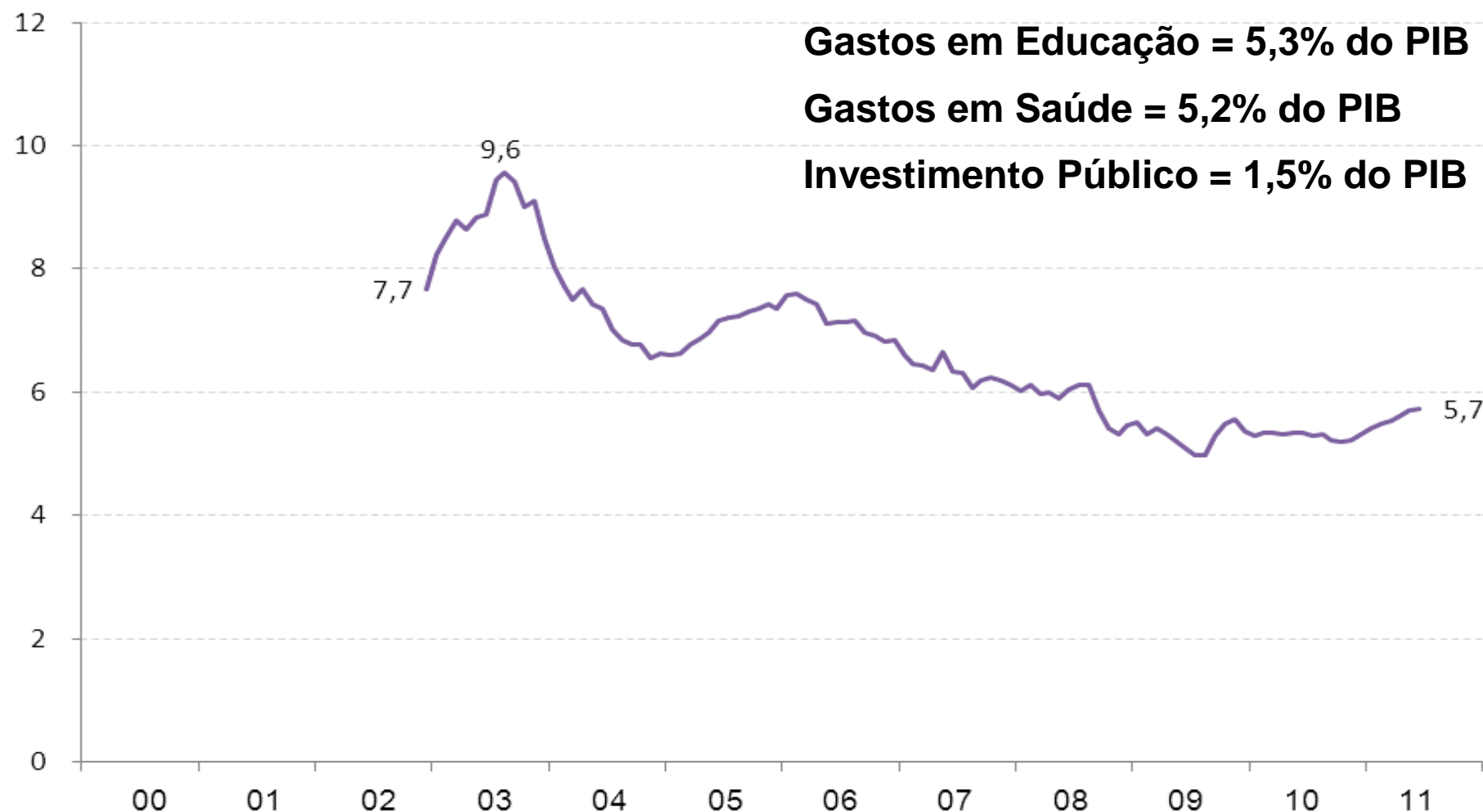


Os juros nominais líquidos (diferença entre o que o setor público paga e o que recebe em 12 meses) caiu de um auge de 9,6% do PIB para cerca de 5,7% do PIB em abril de 2011 (R\$ 214 bilhões).



NFSP – Juros nominais da DLSP* - 2000-11

(em % do PIB)



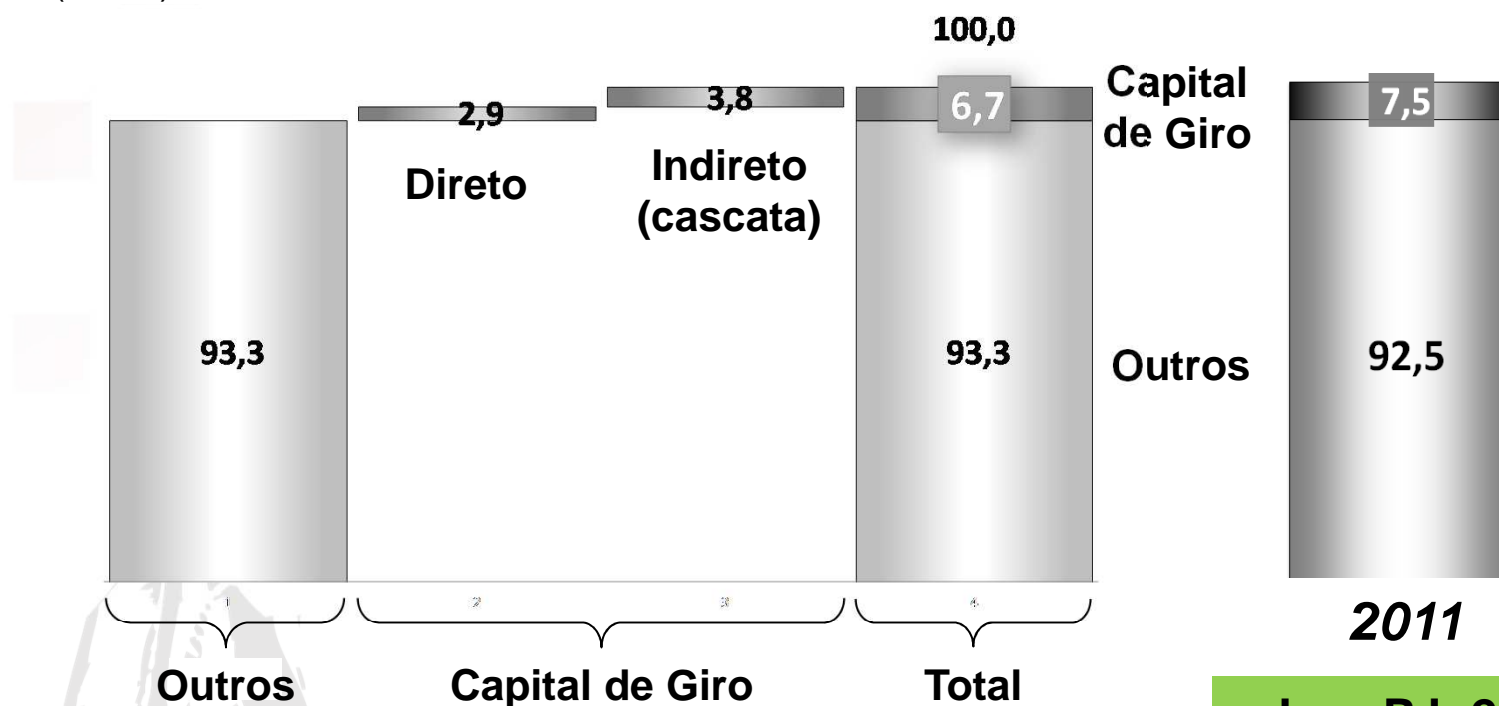
* Dívida Líquida do Setor Público - DLSP.
Fonte: BCB; elaboração FIESP.

Supondo que o valor da produção funcione como proxy do preço, o custo do capital de giro representou 7,5 % no preço dos produtos industrializados em 2011.



INDÚSTRIA – Custo do Capital de Giro no Preço – 2007 e 2011 (até set.)

(em %)



Em 2011 o custo do capital de giro foi 7,5% do preço dos produtos industrializados

2011

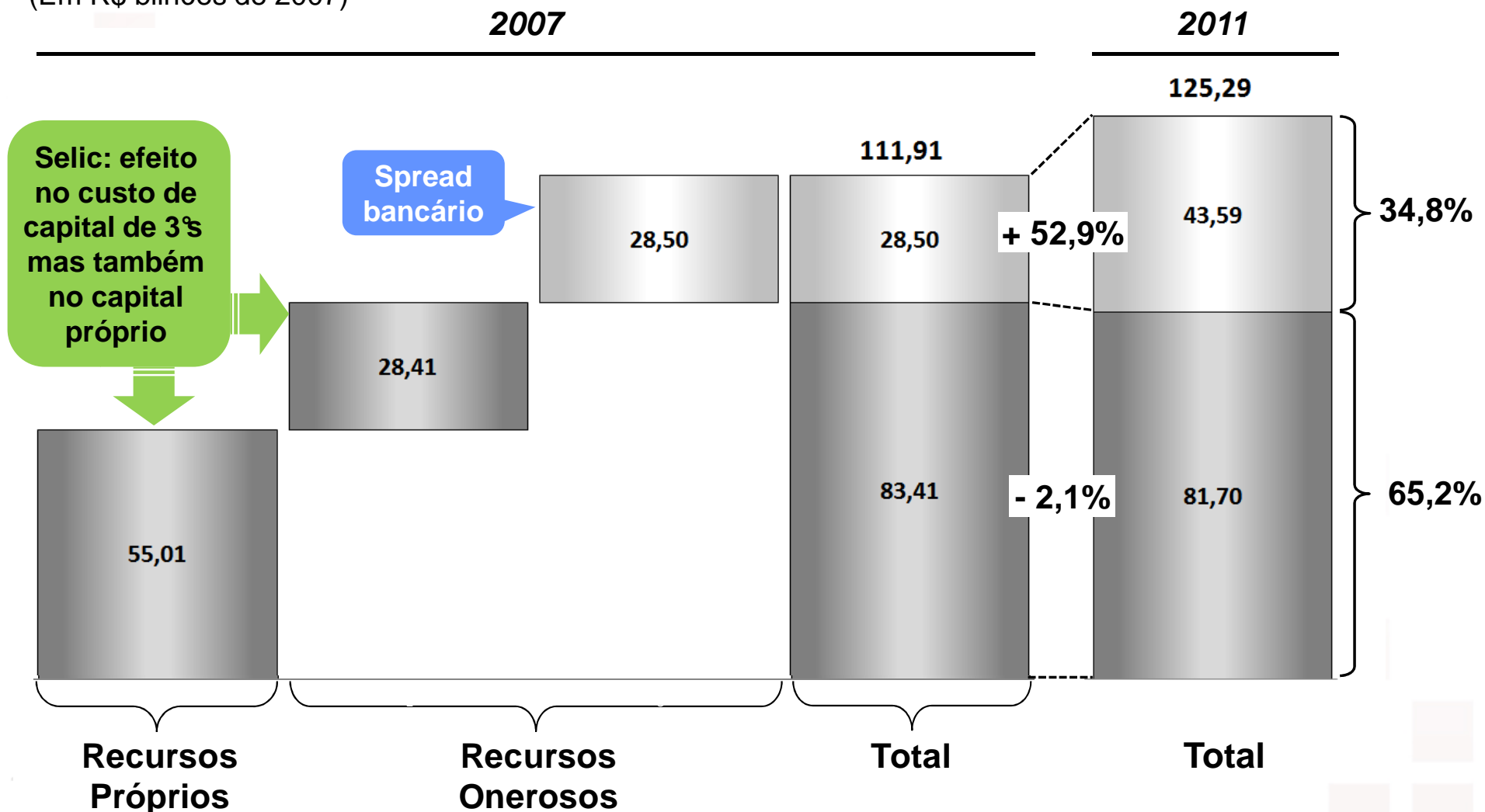
Juro PJ: 2007 = 23,1% a.a.
2011 = 29,6% a.a.
O alto custo do capital de giro afeta sobretudo as MPMI's

Usando os parâmetros do Brasil de 2007, temos um custo de R\$ 111,9 bilhões, distribuídos em duas partes: aquela referente à Selic, R\$ 83,41 bilhões, e aquela referente ao spread bancário, R\$ 28,50 bilhões.



INDÚSTRIA – Decomposição do custo do capital de giro – 2007 e 2011 (até set.)

(Em R\$ bilhões de 2007)

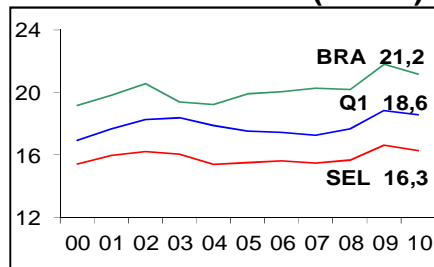


Elevados juros e spread encarecem e limitam o crédito, o que, combinado com alta e crescente carga tributária, desestimula o investimento em capital fixo (FBCF).

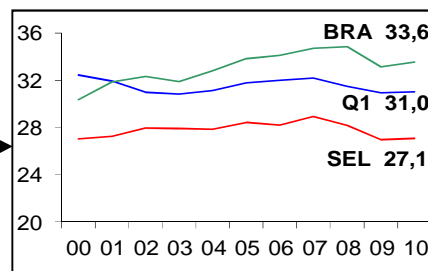


AMBIENTE DE NEGÓCIOS

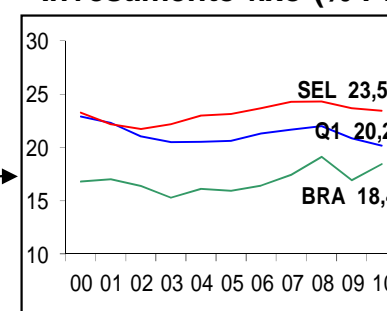
Cons. do Governo (% PIB)



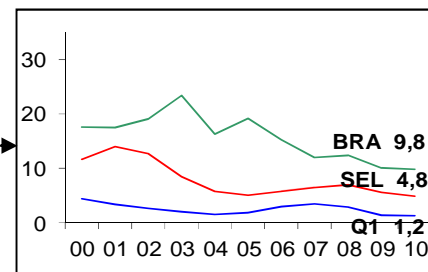
Carga Tributária (% PIB)



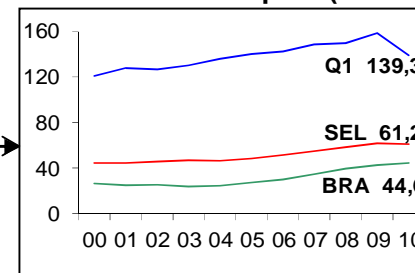
Investimento fixo (% PIB)



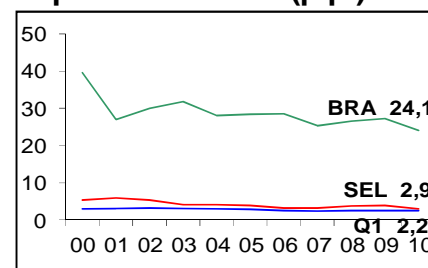
Juros p/ depósito (% a.a.)



Crédito ao setor priv. (% PIB)



Spread bancário (p.p.)



Infraestrutura deficiente



Classificação do Brasil entre 142 países

104º Geral

66º Telefonia celular

124º Procedimentos alfandegários

91º Ferrovias

122º Aeroportos

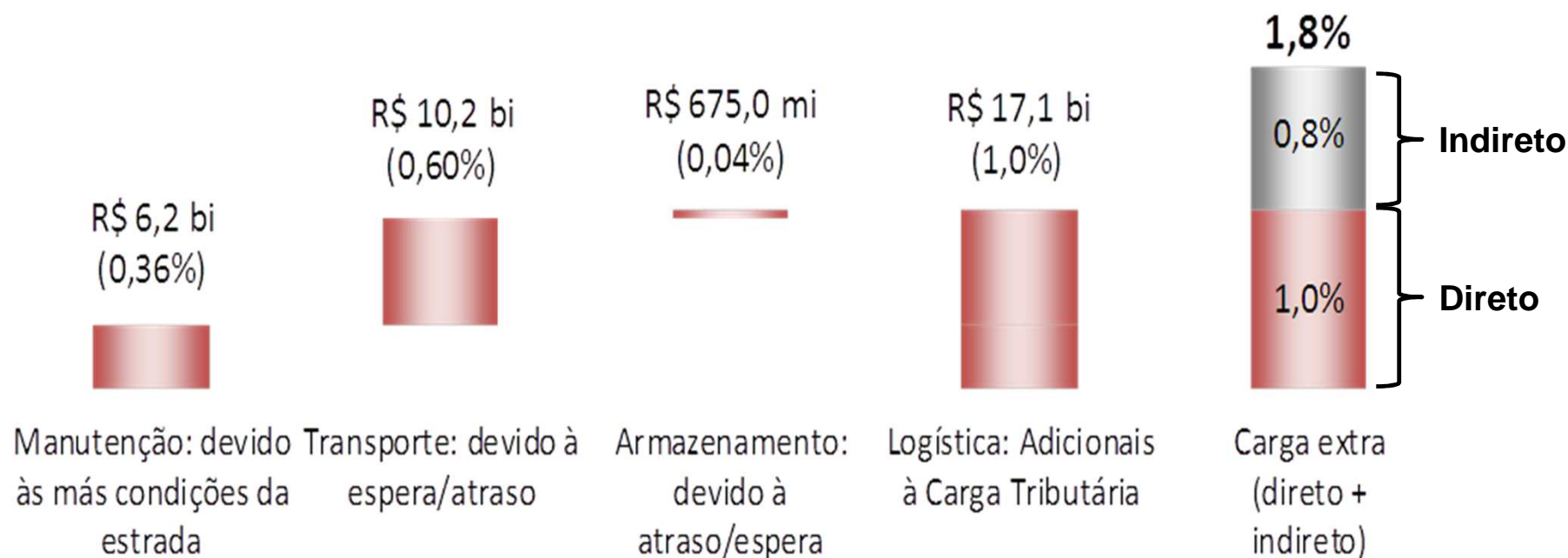
118º Estradas

130º Portos

A Carga Extra devida às deficiências na infraestrutura logística do país representa um custo total (direto e indireto) de 1,8% do preço dos produtos da indústria de transformação.



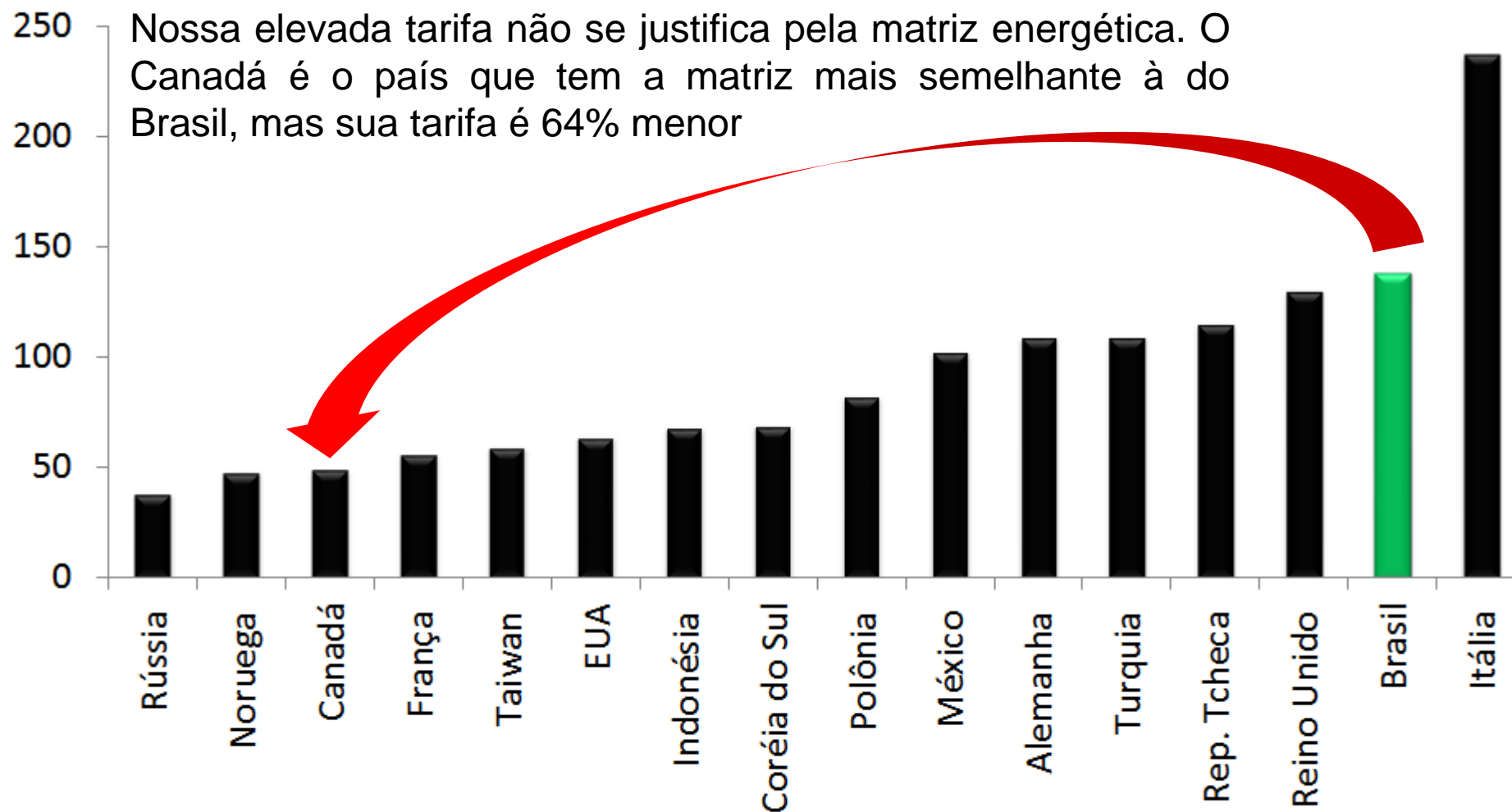
Carga Extra com logística na Indústria de Transformação (R\$ e % do faturamento total) - Efeito Direto



A tarifa de energia elétrica para a indústria no Brasil é uma das mais caras do mundo



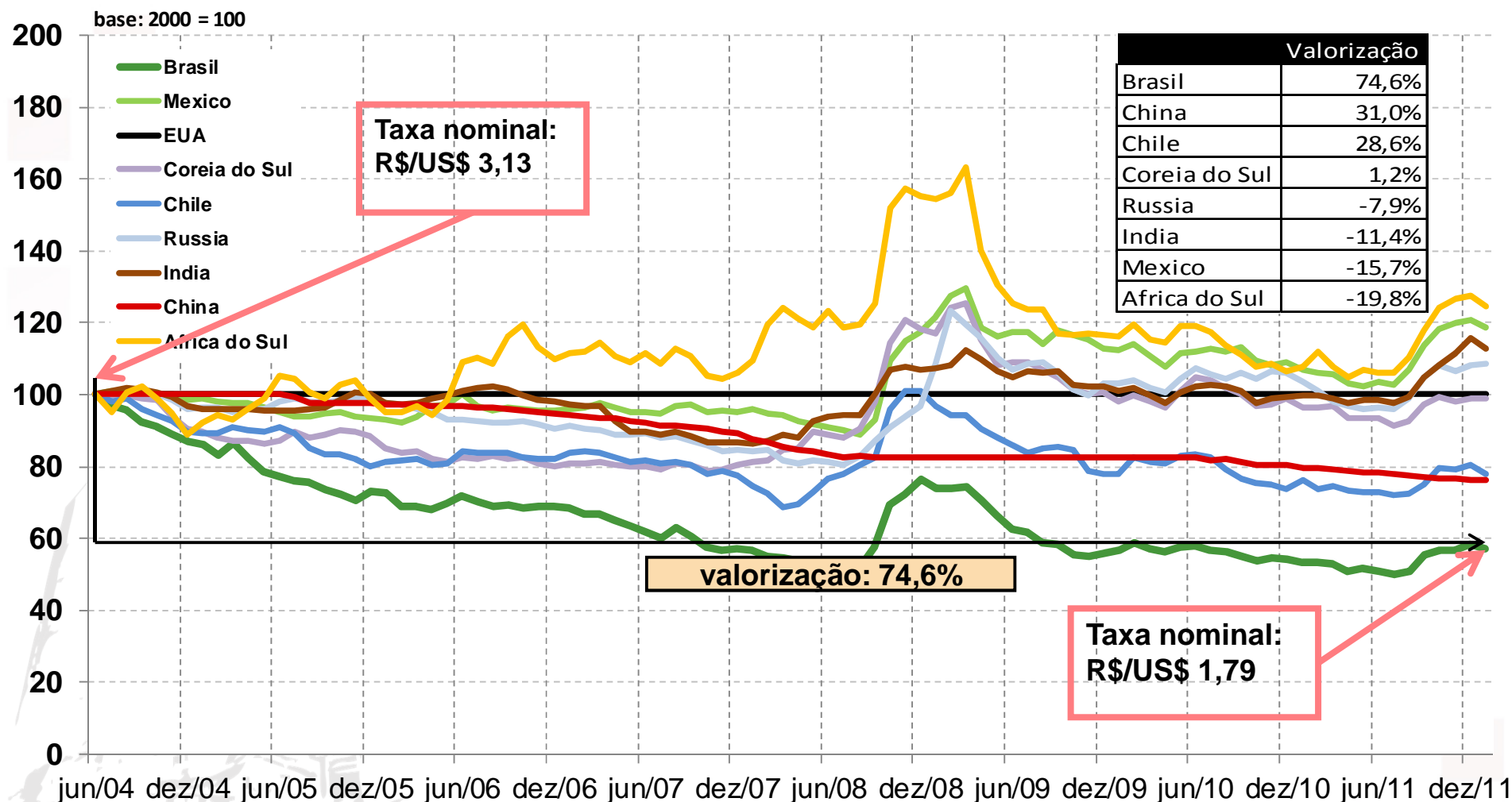
Tarifa de energia elétrica para a indústria (US\$/MWh)



A valorização do real foi muito expressiva nos últimos anos (superior à da maior parte das moedas de outras economias importantes)



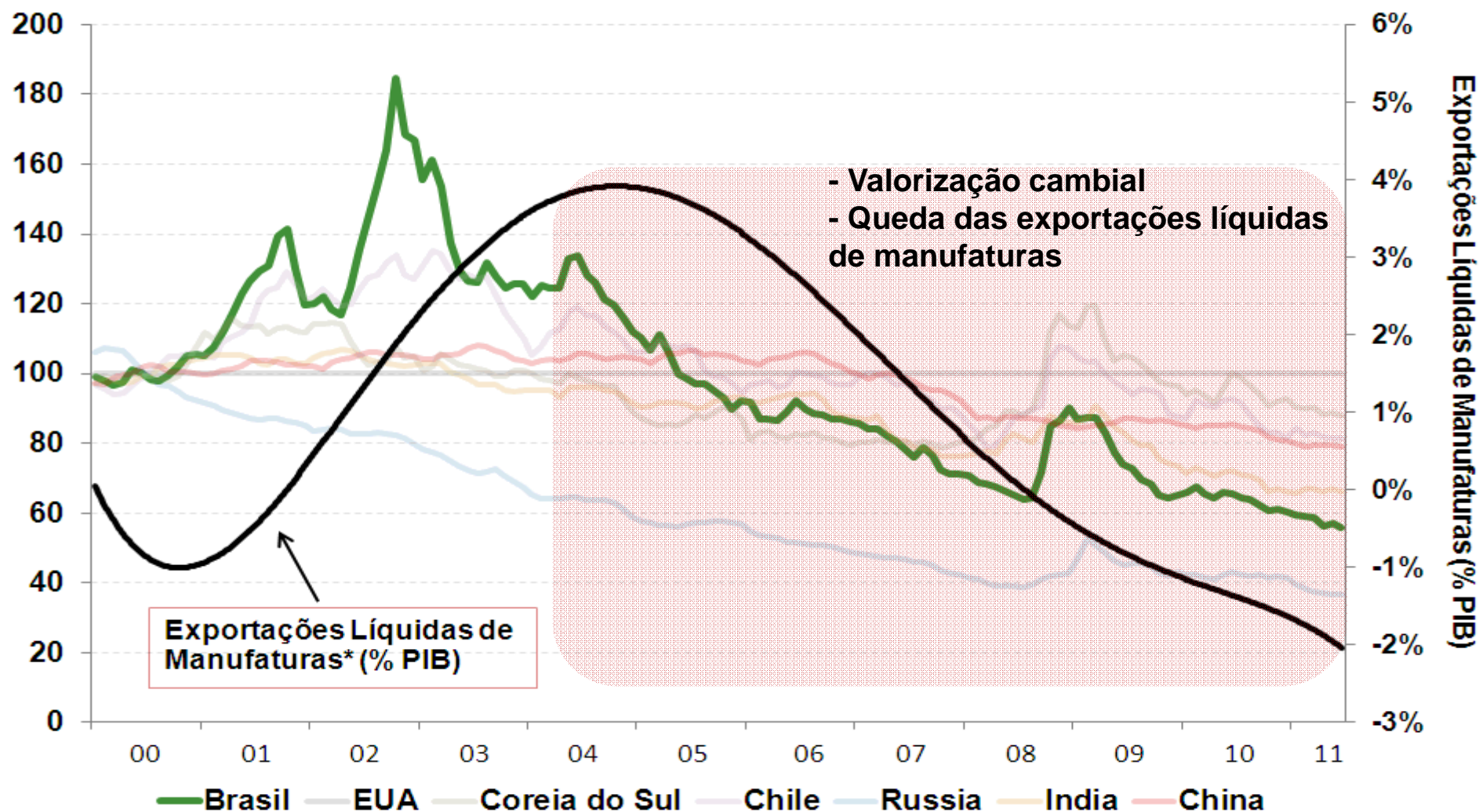
Taxa de Câmbio – Evolução em relação ao Dólar Americano – jun/2004 a jan/2012



Em relação à indústria brasileira, o período de valorização cambial corresponde à queda do saldo comercial.



Câmbio Real - Evolução em relação ao Dólar Americano - jan/2000 a jul/2011



Fonte: OCDE e BCB. Elaboração: DECOMTEC/FIESP

Câmbio: Índice BIG MAC – The Economist

Referência: poder de compra de um BIG MAC nos diferentes mercados, indica quanto a moeda local está apreciada ou depreciada ante o dólar.

O Brasil tem a primeira moeda mais valorizada (ajustada pelo PIB per capita): 150%.

Enquanto Rússia e China estão abaixo de 30% valorizadas e Índia desvalorizada.

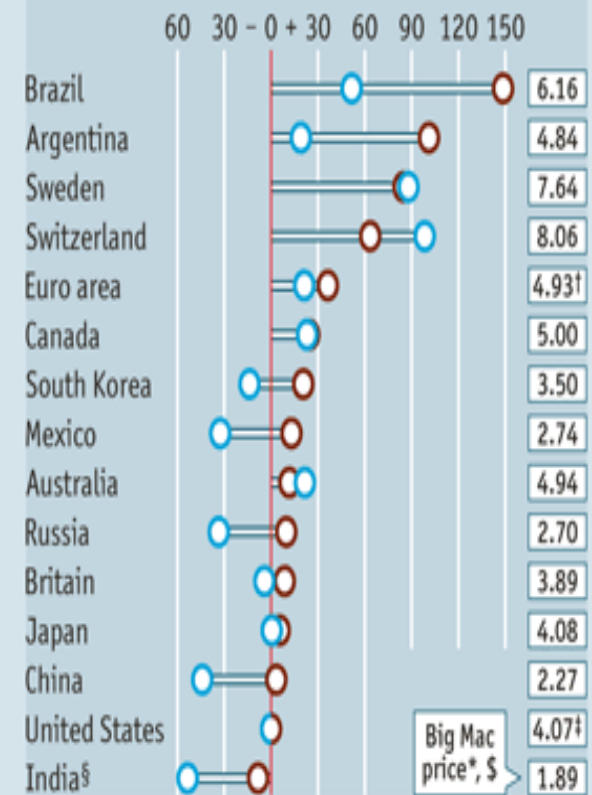
Our new improved recipe

Big Mac prices v GDP per person,
July 2011



Big Mac index, local currency under(-)/over(+) valuation against the dollar, %

○ Raw index ○ Adjusted for GDP per person



*At market exchange rate (July 25th) †Average of member countries

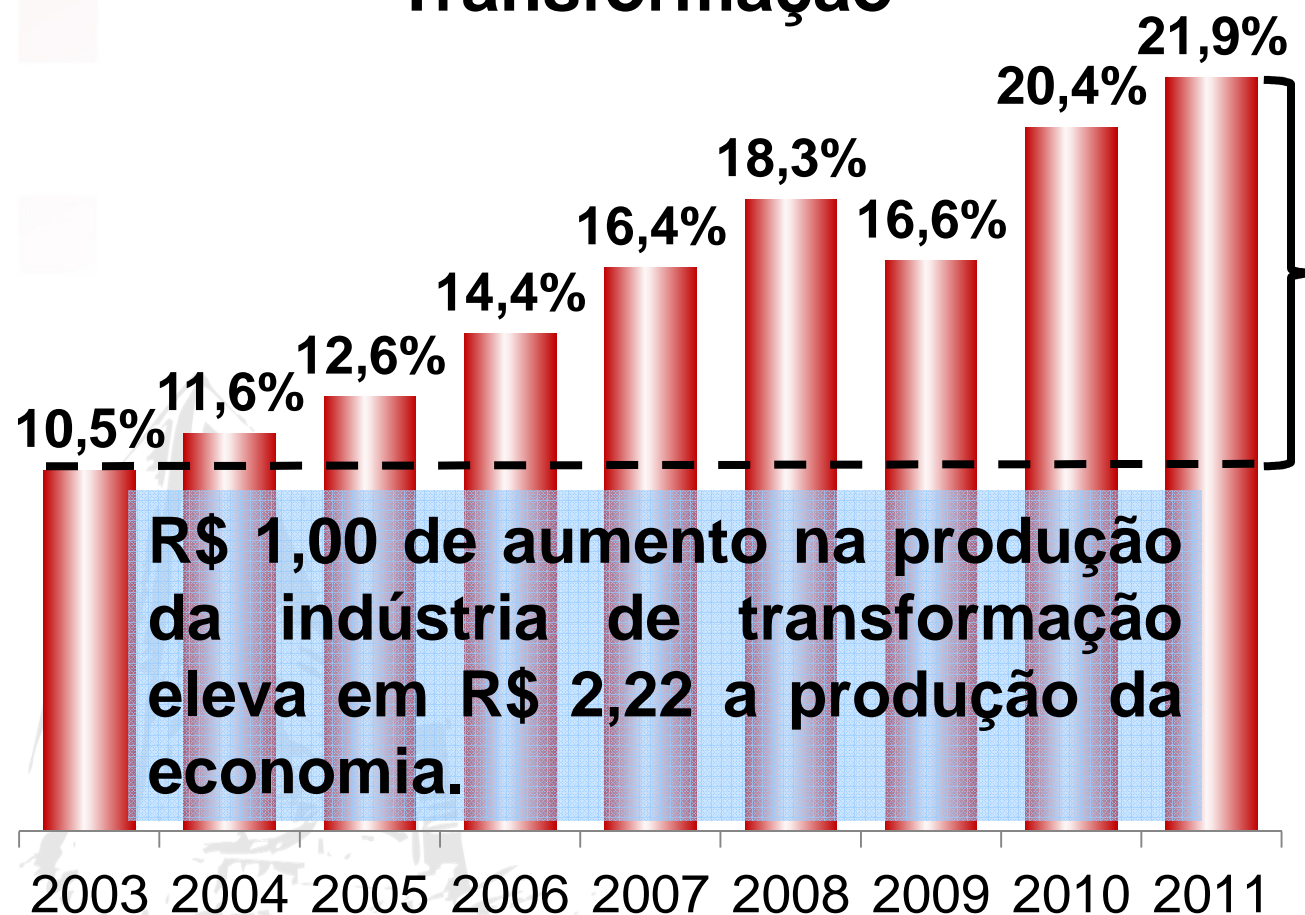
‡Average of four cities §Maharaja Mac

Sources: McDonald's; IMF; The Economist

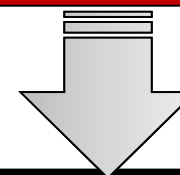
O aumento da penetração dos importados fez com que, devido aos efeitos diretos e indiretos, a economia produzisse R\$ 381 bilhões a menos. Isso significou 4,5 milhões de postos de trabalho que deixaram de ser gerados.



Evolução do Coeficiente de Importação da Indústria de Transformação



Aumento de 11,4p. p. no coeficiente, o que equivale a US\$ 102,8 bi ou R\$ 171,7 bi (efeito direto). Contando os efeitos direto e indireto em toda economia, isso significou R\$ 381 bi a menos na produção

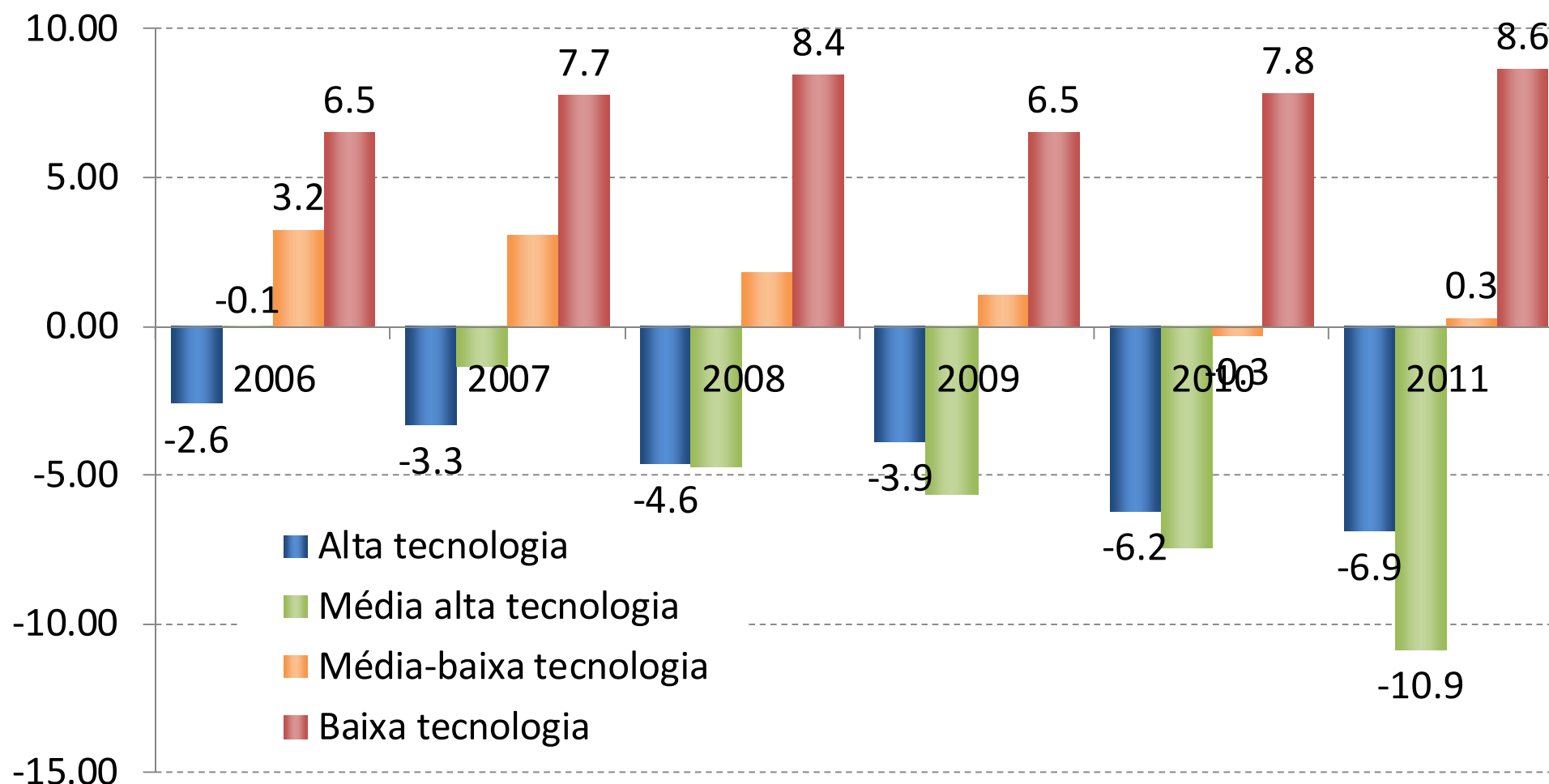


Dessa forma, 4,5 milhões de empregos deixaram de ser gerados na economia

Os setores mais prejudicados são os de maior intensidade tecnológica. Entre 2006 e 2011, o déficit do setor de alta tecnologia aumentou de US\$ 2,6 bilhões para US\$ 6,9 bilhões e o de média-alta de US\$ 0,1 bilhões para US\$ 10,9 bilhões.



Balança comercial por intensidade tecnológica - 1º trim. (R\$ bilhões)



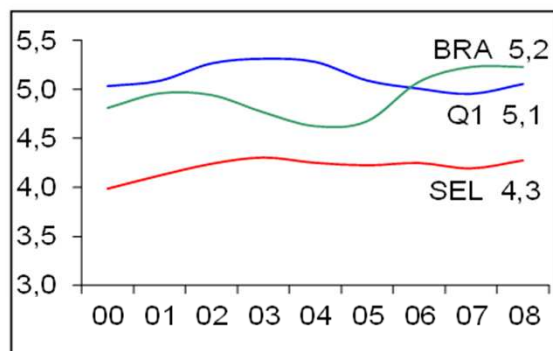
Fonte: Protec; Elaboração: Decomtec/FIESP

A melhora recente nos investimentos em educação reflete-se lentamente em um proporcional aumento da alfabetização e escolaridade.

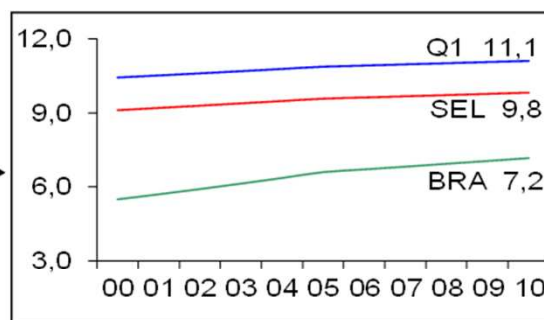


AMBIENTE EDUCACIONAL

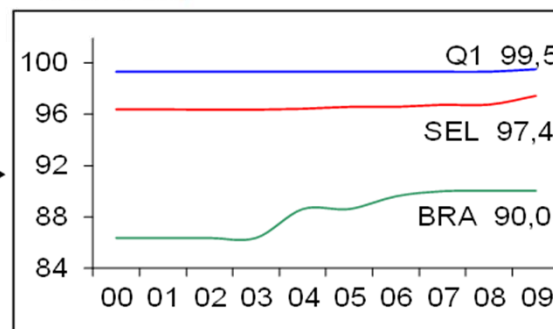
Gasto em educação (% PIB)



Escolaridade (média de anos)



Alfabetização (% da população acima de 15 anos)



Formação de Engenheiros (2009)

Brasil

55.427 formados
7% dos formandos
2,9 a cada 10 mil hab.

China

1.918.428 formados
36% dos formandos
14,4 a cada 10 mil hab.

Educação deficiente

A melhora recente nos investimentos em educação ainda não se refletiu em um proporcional aumento da alfabetização e escolaridade, comprometendo a qualidade da mão de obra do país.

- No ranking do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), de 65 países emergentes e desenvolvidos, o Brasil ficou em 53º lugar.
- No ranking do Fórum Econômico Mundial, a qualidade da educação básica coloca o Brasil em 127º lugar dentre 139 países.

Principais dificuldades para qualificar os trabalhadores



Principais dificuldades para qualificar os trabalhadores

Percentual sobre o total de empresas que tem dificuldade para qualificar os trabalhadores



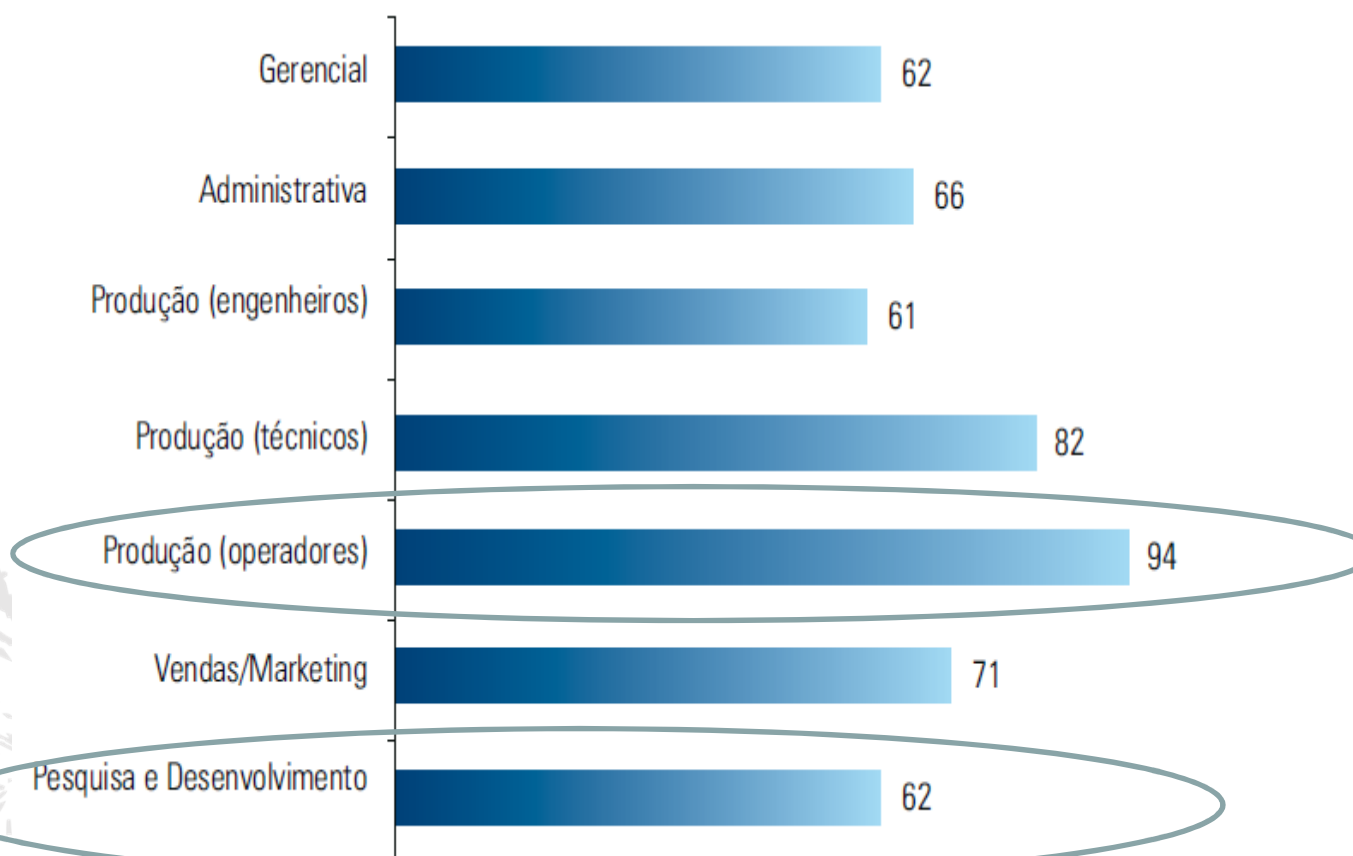
Fonte: CNI. Sondagem Especial : Falta de Trabalhador Qualificado na Indústria. Abril de 2011.

Falta de trabalhadores qualificados por área/categoria profissional



Falta de trabalhadores qualificados por área/categoria profissional

Percentual sobre o total de empresas que tem problemas com a falta de trabalhadores qualificados



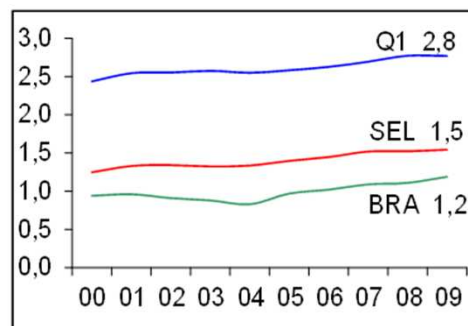
Fonte: CNI. Sondagem Especial : Falta de Trabalhador Qualificado na Indústria. Abril de 2011.

À despeito do investimento em P&D no Brasil ser maior do que os países selecionados, é ineficiente na geração de patentes de residentes e nas exportações de alta tecnologia.



AMBIENTE TECNOLÓGICO

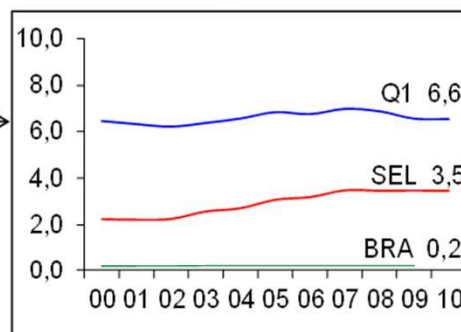
Gasto em P&D (% PIB)



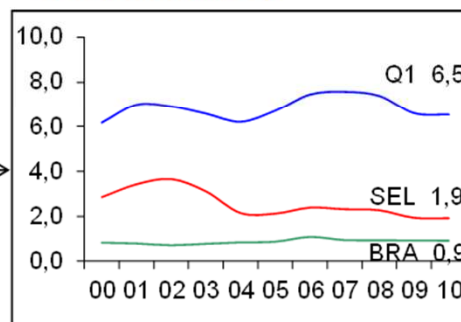
O Brasil leva 80 meses para concessão de patentes.

EUA e Japão: 30 meses

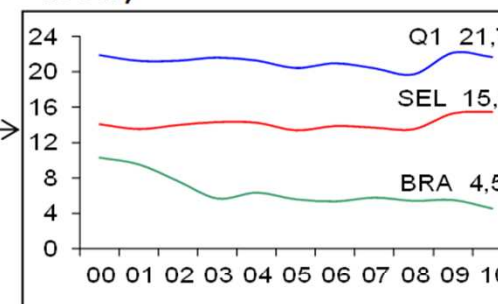
Patentes de residentes (por 10 mil habitantes)



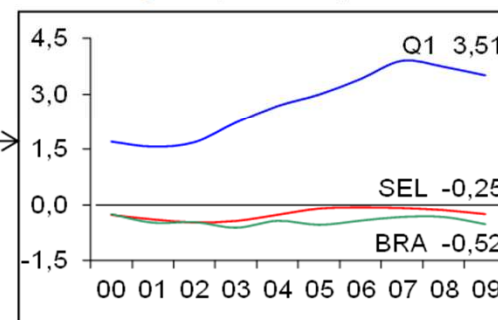
Patentes de não-residentes (por 10 mil habitantes)



Exportações de alta tecnologia (% do PIB)



Exportações de serviços tecnológicos (% do PIB)



Se o nível de corrupção percebida no Brasil fosse igual à cesta de países Selecionados:



➤ O PIB per capita brasileiro teria sido, em média no período (1990-2010), US\$ 9.379, ao invés do valor observado de US\$ 8.127. Um aumento de 15,5% (equivalente a 1,36% ao ano).

➤ Isto significa um **custo médio anual de R\$ 50,8 bilhões** (equivalente a **1,38% do PIB**, valores 2011)

	Parcela do Custo da Corrupção nas Contas Brasileiras
Investimento (FBCF) Total	7,2%
Investimento (FBCF) Público ¹	73,7%
Consumo Final Famílias	2,28%
Consumo Final do Setor Público	6,53%
Gasto Público em Educação ^{2*}	26,0%
Gasto em P&D (Público e Privado) ^{3**}	88,0%
Gasto Público em Saúde ^{4*}	26,5%
Gasto Público em Segurança ^{5**}	91,2%

Fontes: Ipeadata (IBGE/SCN 2000), 1 Gobetti (2010), 2 Inep (dados de 2007), 3 MCT (dado preliminar, 2008), 4 Datasus (2006), 5 Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2008). * Gasto do Governo Federal, Estadual e Municipal. ** Gasto do Governo Federal e Estadual. Países Selecionados: Coreia do Sul, Costa Rica, Japão, Chile, Espanha, Irlanda, EUA, Alemanha, Austrália, Canadá, Cingapura e Finlândia. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

Se o nível de burocracia no Brasil fosse igual à cesta de países Selecionados:



- O PIB per capita brasileiro teria sido, em média no período (1990-2010), US\$ 9.496, ao invés do valor observado de US\$ 8.127 um aumento de 16,9% (equivalente a 1,45% ao ano).
- Isto significa um **custo médio anual de R\$ 54,2 bilhões** (equivalente a **1,47% do PIB**, valores 2011)

	Parcela do Custo da Burocracia nas Contas Brasileiras
Investimento Total	7,99%
Gasto Privado em P&D**	266,42%
Receita Líquida da Indústria de Transformação***	2,44%
Consumo Final Famílias*	2,43%

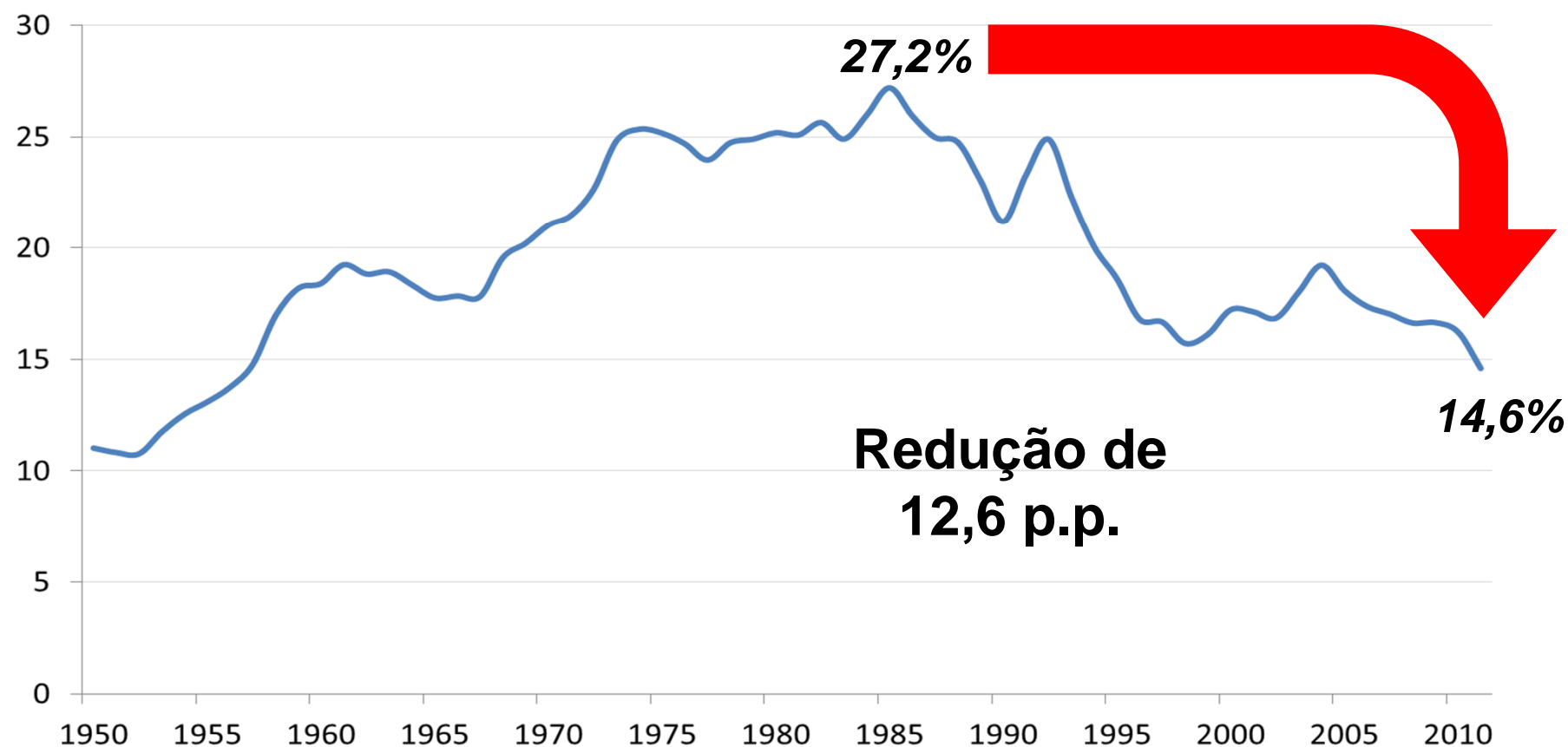
*Dado de 2009. **Dado de 2008. ***Dado de 2007.

Fontes: Ipeadata (IBGE/SCN 2000), MCT e PIA (IBGE). Países Selecionados: Coreia do Sul, Costa Rica, Japão, Chile, Espanha, Irlanda, EUA, Alemanha, Austrália, Canadá, Cingapura e Finlândia. Elaboração: DECOMTEC/FIESP.

A indústria de transformação representava cerca de 27% do PIB em meados da década de 1980. Em 2011, essa participação caiu para 14,6%.



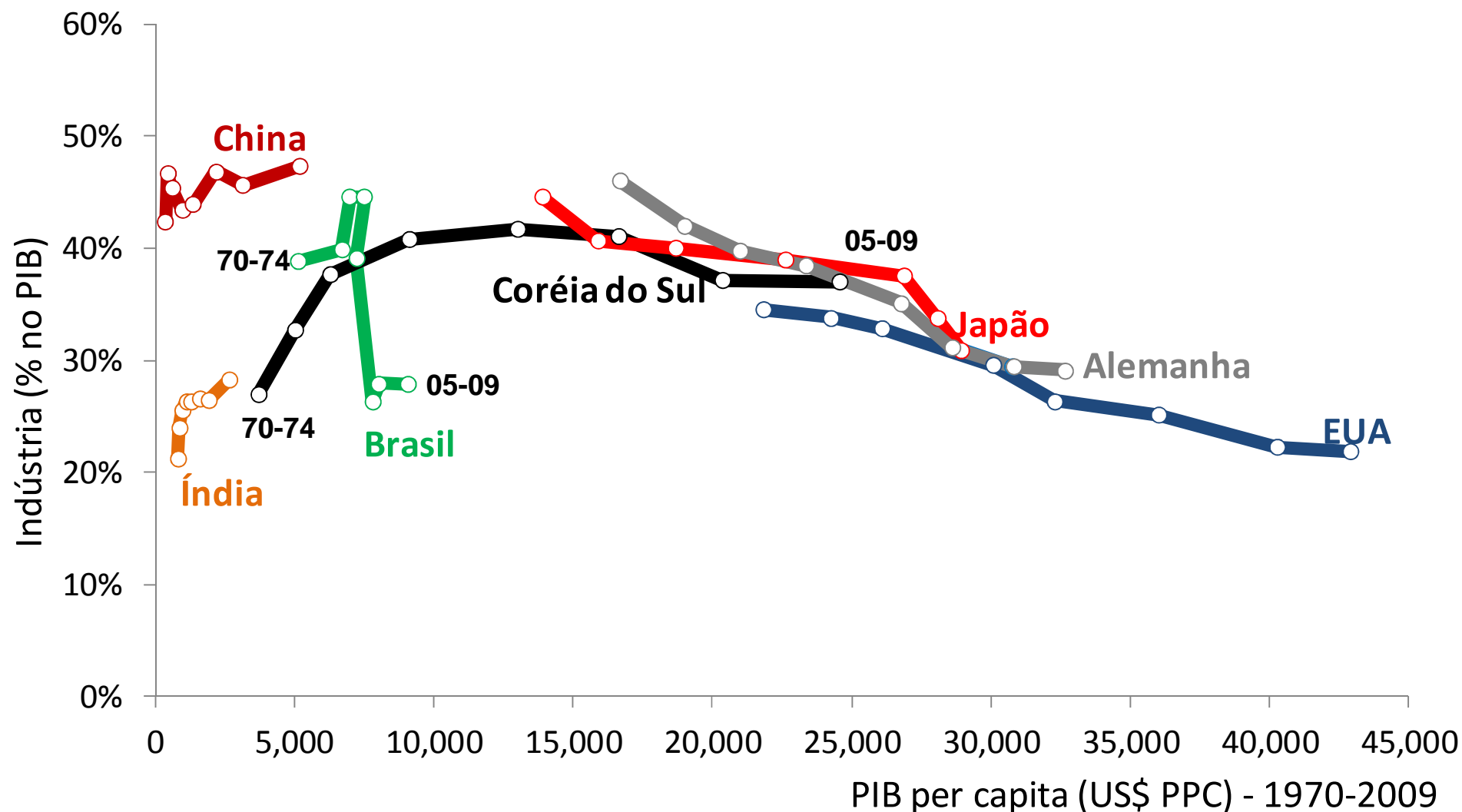
PIB da ind. transformação (% do PIB)



Enquanto os países que cresceram o fizeram por meio da indústria num primeiro estágio e somente depois se desindustrializaram, o Brasil se desindustrializou precocemente e não conseguiu crescer.

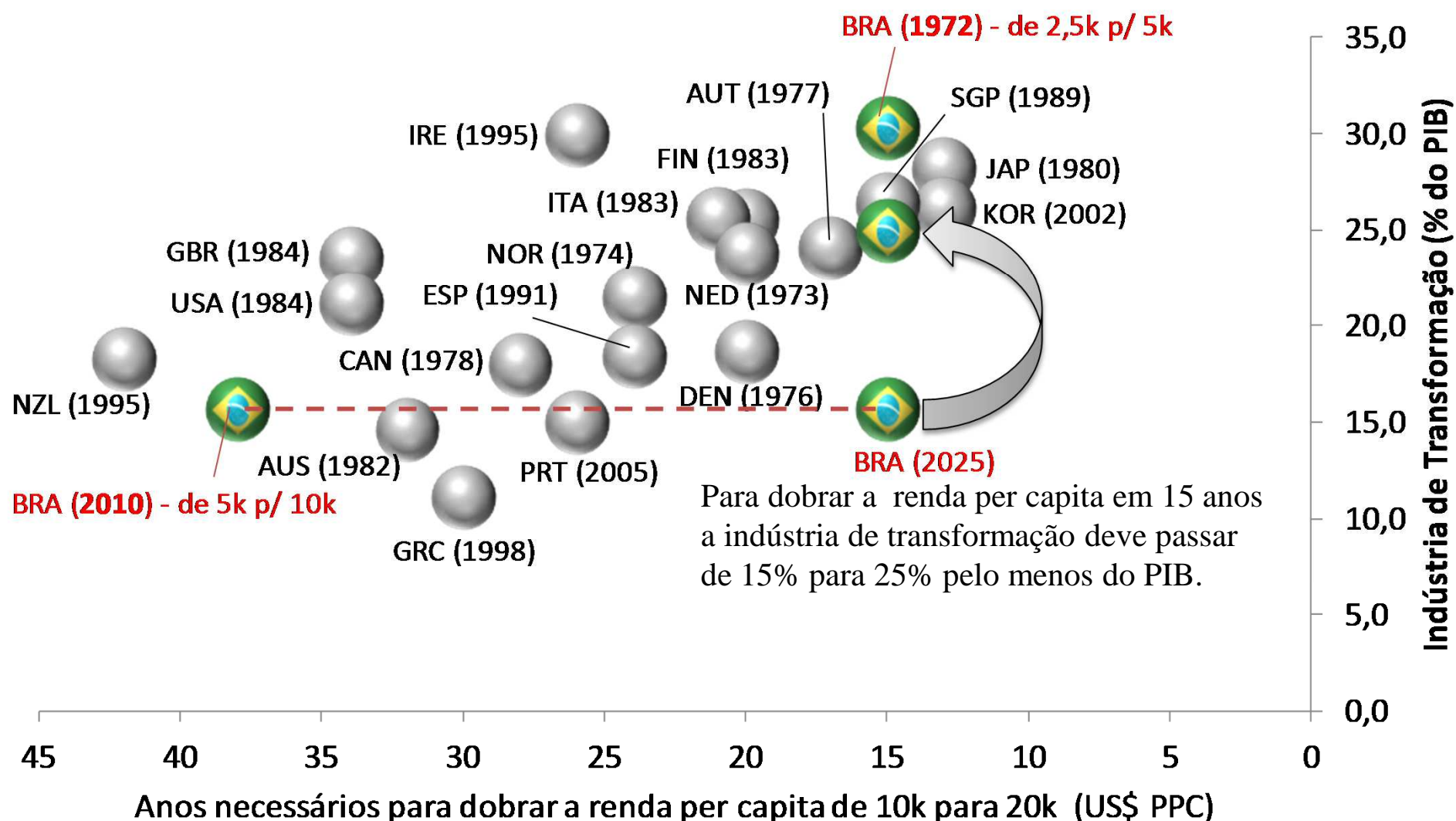


Participação da Indústria X Evolução do Crescimento

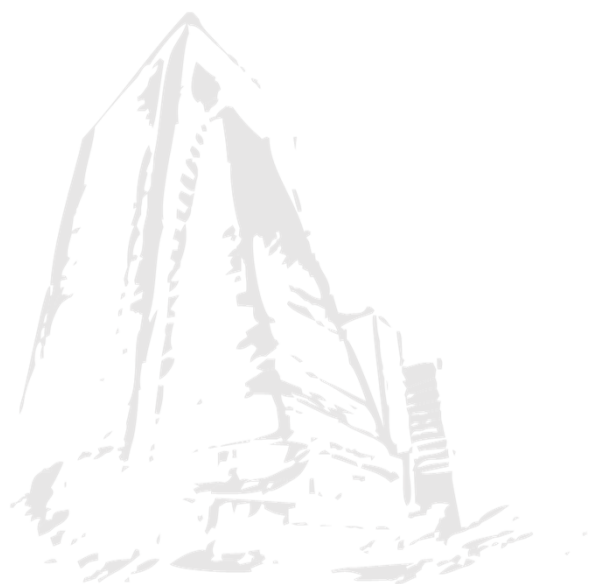


Fonte: Banco Mundial; Elaboração: DECOMTEC/FIESP

O Brasil pode acelerar seu crescimento se aumentar a participação da indústria de transformação no PIB. Os países que têm maior participação da indústria no PIB levaram menos tempo para dobrar o PIB per capita.



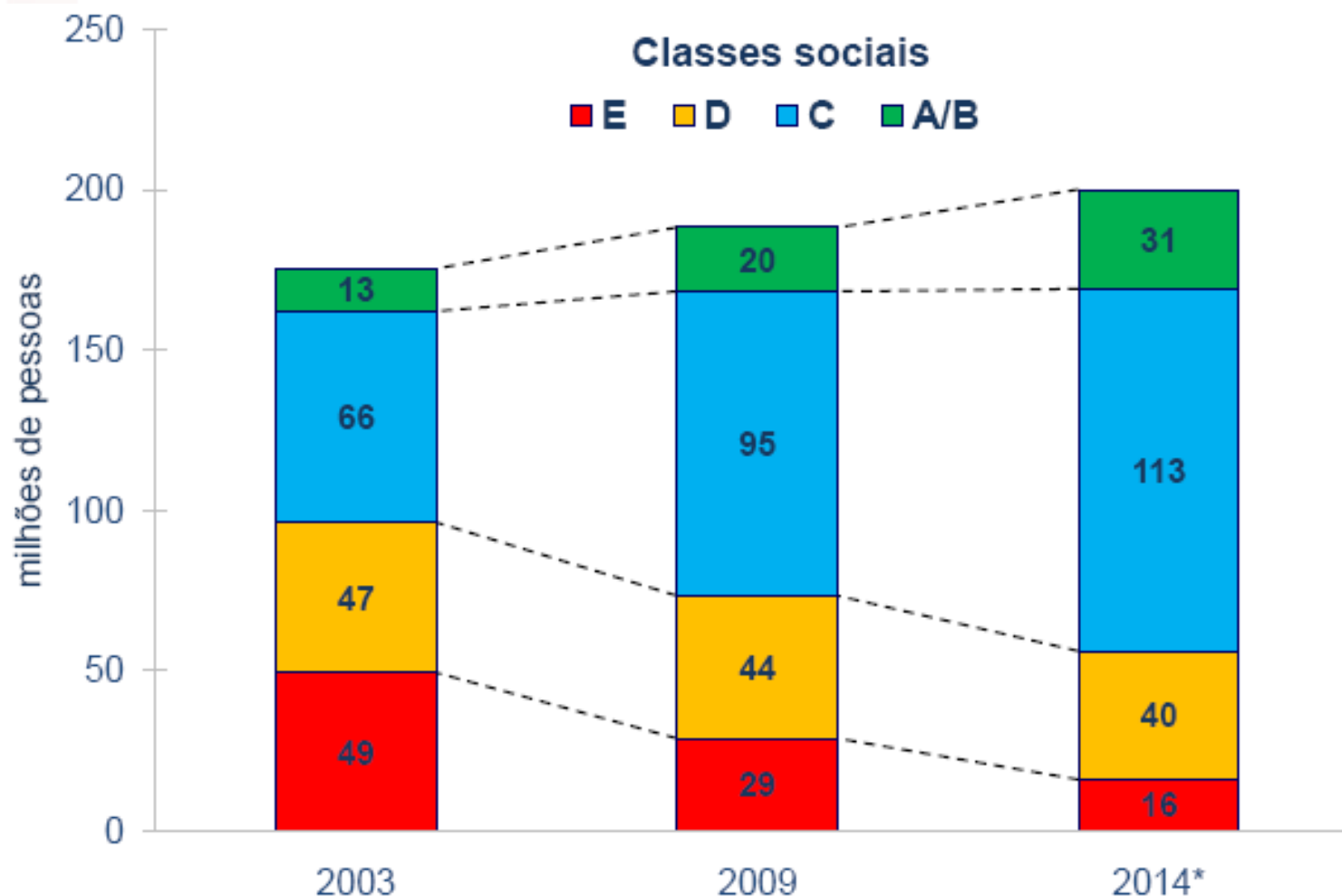
OPORTUNIDADES



A expansão das classes C, B e A nos últimos anos deve continuar. O país vem atravessando um momento bastante positivo em termos da redução da desigualdade e aumento da renda.



Mobilidade Social



Fonte: Banco Central do Brasil / FGV

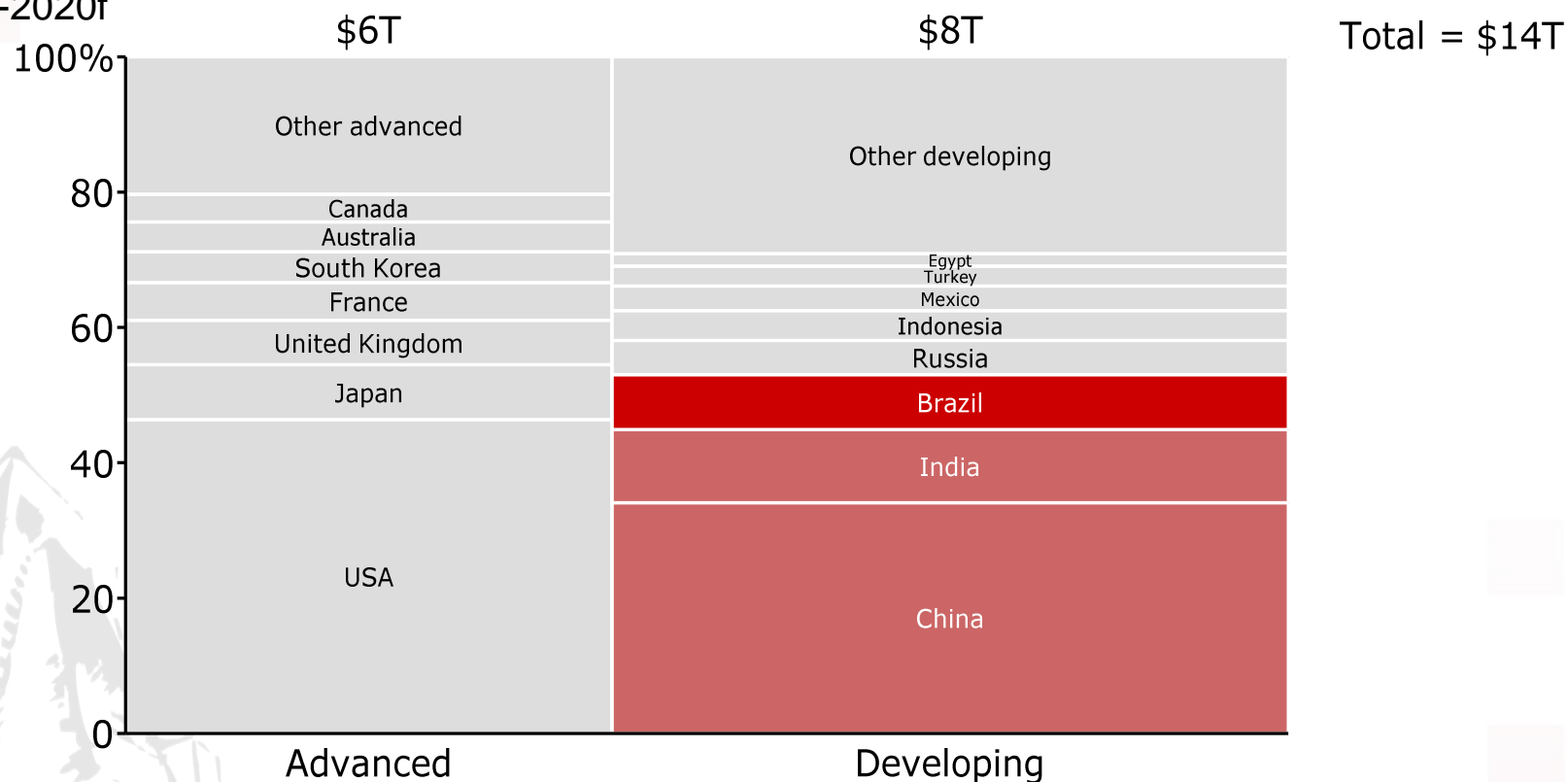
*projeção FGV

... se tornando um centro de consumo de magnitude global



1

Share of the growth in total final consumption between 2010a-2020f

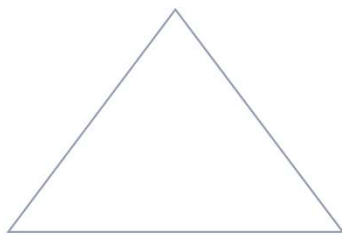


Note: 2010 USD price level at fixed exchange rates
Source: Euromonitor; Bain MTG Analysis, 2011

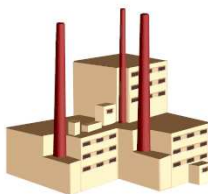
Mas sem indústria, quem vai atender o crescimento da demanda brasileira?



Alta Renda



Baixa Renda

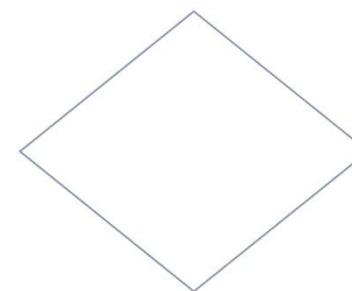


Maior consumo de Manufaturados



Aumento da Classe média

Alta Renda



Baixa Renda

?



Como ser mais competitivo na produção para atender essa crescente demanda por produtos manufaturados e para gerar os empregos necessários à continuidade do crescimento?

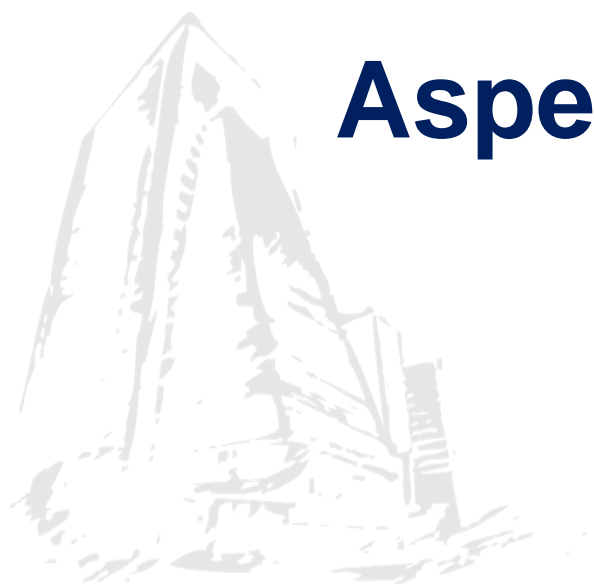
Temos muitos desafios para consolidar a competitividade da indústria brasileira e existem oportunidades a serem exploradas...



- Pesquisa e Produção de combustíveis renováveis: empregos, tecnologia e meio ambiente
- Exploração sustentável dos recursos da biodiversidade: P&D, fármacos e empregos qualificados
- Exploração do pré-sal: investimentos, empregos, desenvolvimento de tecnologia, adensamento da cadeia de máquinas e equipamentos, refinaria e atração de IDE
- Aeroespacial: pesquisa de estruturas leves
- Processamento de alimentos destinados ao consumo humano e animal
- TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação) e Fotônica (comunicação de dados efetuada usando a tecnologia de emissão, transmissão, controle e detecção da luz seja através de fibras ópticas, seja por meios optoeletrônicos)
- Copa do Mundo (2014), Olimpíadas (2016)

Propostas de Política Econômica e Industrial:

Aspectos Fundamentais



Propostas de Política Econômica e Industrial: Aspectos Fundamentais



- Redução da Dívida Pública e da Taxa de Juros.
- Ampliação da Oferta e Redução do Custo do Crédito.
- Desvalorização da Taxa de Câmbio.
- Mudanças no Sistema Tributário: Simplificação; Maior Justiça Fiscal; e Isonomia Competitiva.
- Ampliação do Investimento Fixo: através de crédito e desoneração.
- Desoneração da Folha de Pagamentos.
- Readensamento das Cadeias Industriais (conteúdo nacional).
- Aprimorar a Legislação de Compras Governamentais.
- Ampliar Recursos e Incentivos Fiscais para a Inovação Tecnológica.
- Reduzir Custos nas Tarifas de Energia Elétrica.